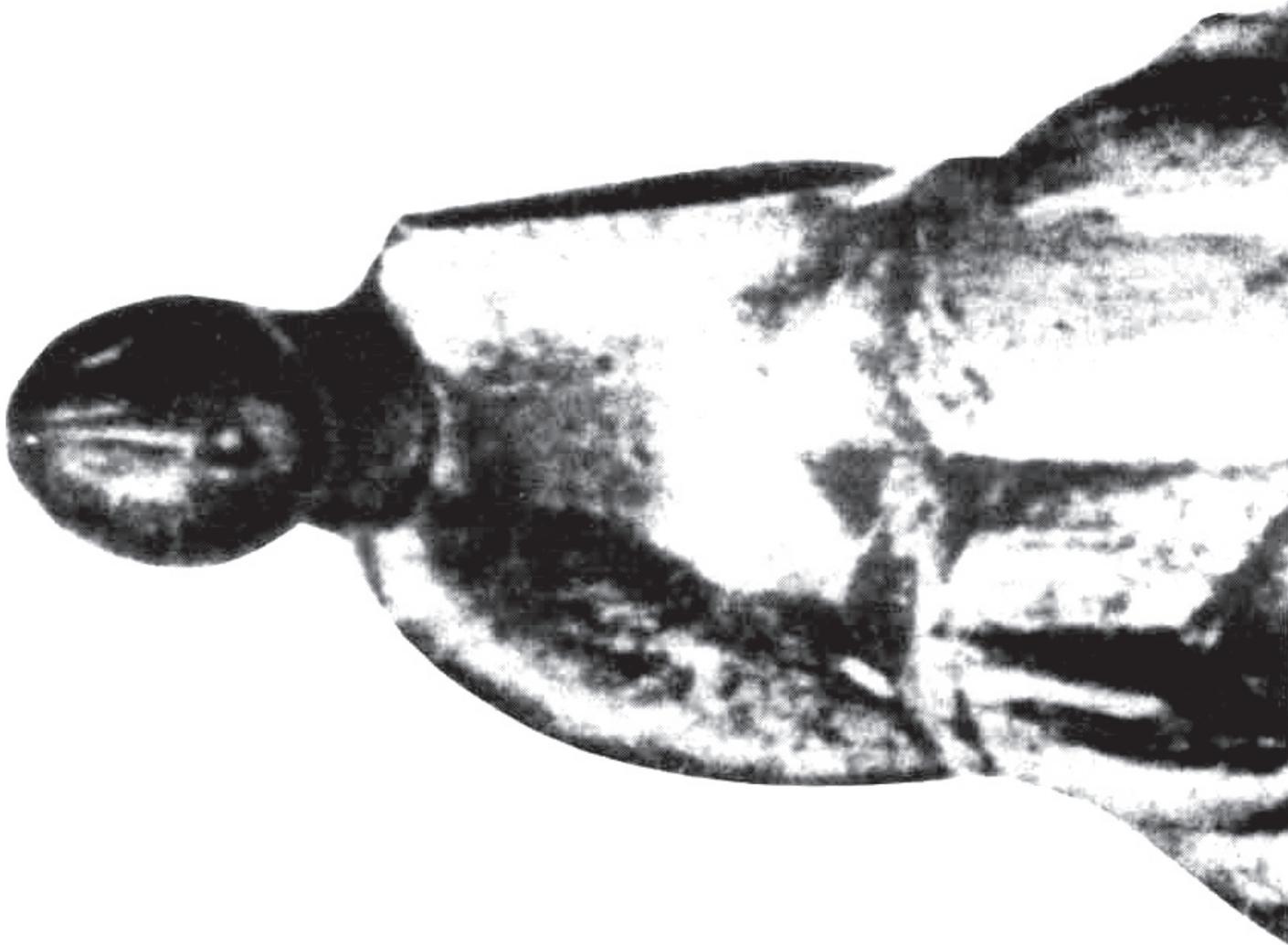


HÉLIO NÓBILE DINIZ

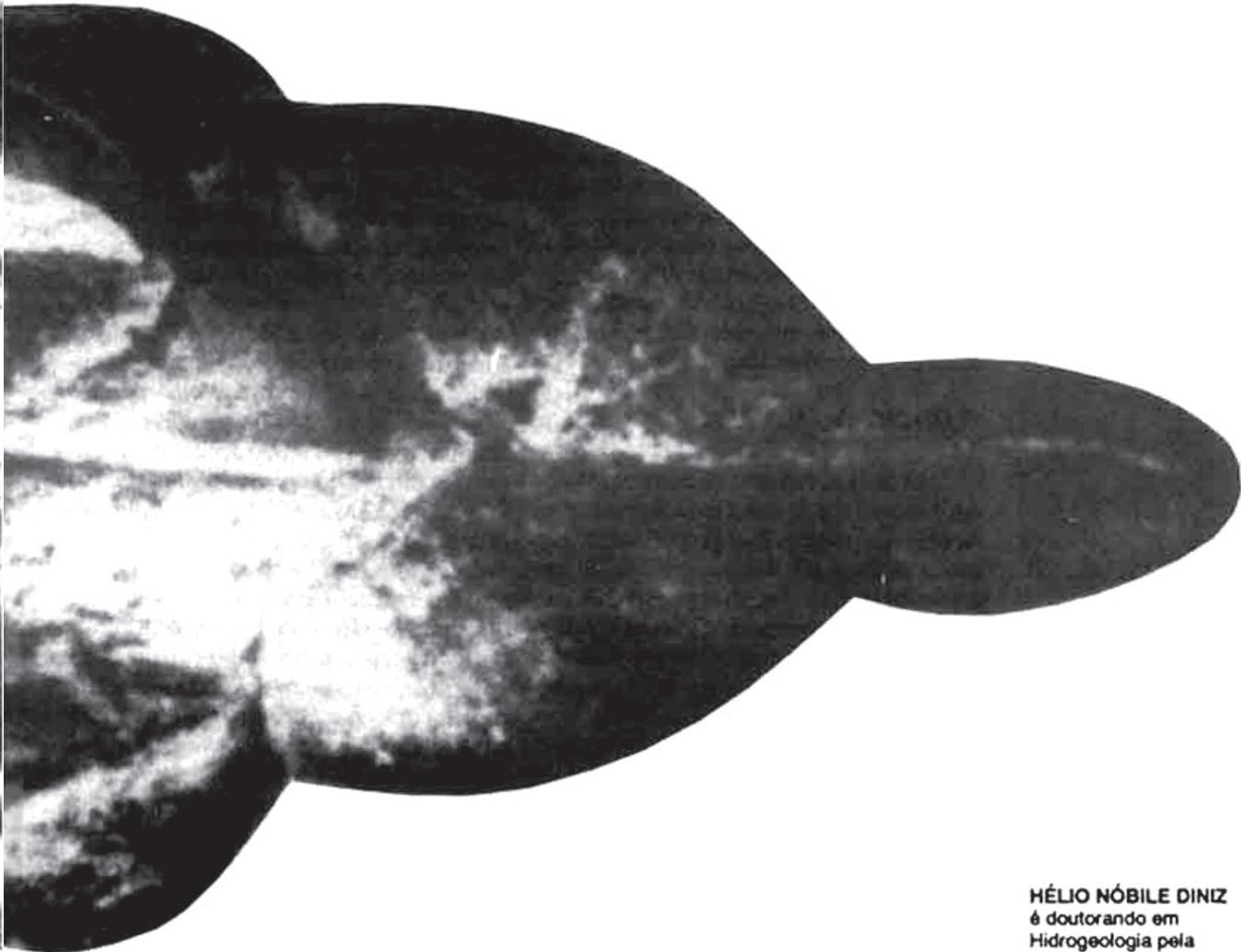
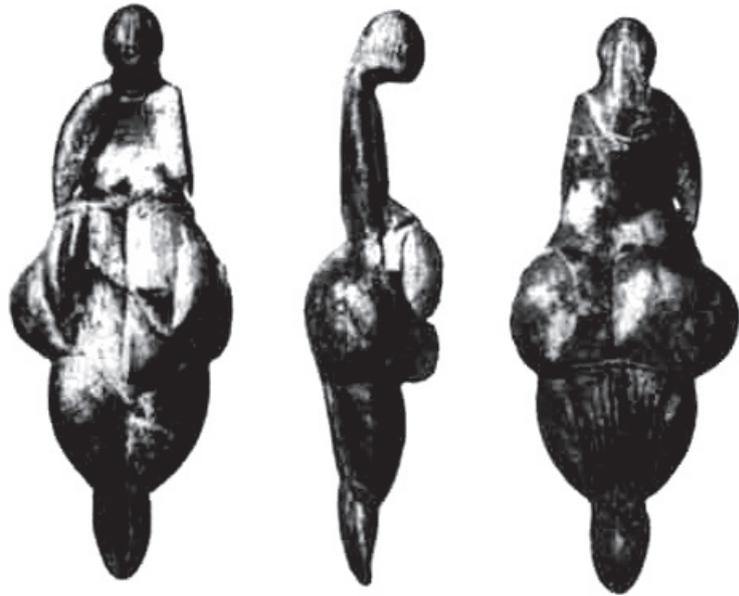
Aspectos paleontológicos e religiosos da evolução do homem



Os primeiros gêneros humanos são anteriores ao início do Pleistoceno (1.900.000 anos Antes do Presente). Evoluíram rapidamente e hoje a nossa espécie domina todo o planeta, tanto que o período Quaternário (Pleistoceno e Holoceno) passou também a ser conhecido como Antropogênio.

Embora a evolução tenha ocorrido por um período superior a 2 M.a., somente no Holoceno temos um registro seguro sobre o estágio do desenvolvimento humano, fazendo a parte conhecida da nossa história. A época anterior ao Holoceno, pouco conhecida, é chamada de pré-história.

As tentativas de se estabelecer a evolução do homem no período pleistocênico têm se baseado nos conteúdos fossilíferos



HÉLIO NÓBILE DINIZ
é doutorando em
Hidrogeologia pela
Universidade de São
Paulo.

dos hominídeos encontrados, nos animais e vegetais associados e na geologia e estratigrafia das camadas envolvidas. Este método é conhecido como paleontológico. O estudo das ferramentas e artefatos utilizados pelos gêneros humanos é conhecido como método tipológico. O levantamento e estudo das antigas organizações e civilizações humanas é objeto da arqueologia.

Apesar do profundo estudo realizado nos diversos sítios arqueológicos e sítios deposicionais com conteúdo fossilífero de hominídeos, muitas questões e perguntas ainda ficaram sem resposta, tanto sobre a ordem correta da evolução humana como sobre o estágio cultural em que estes hominídeos se encontravam. Paralelamente, profundos estudos sobre as culturas, religiões e mitologias dos agrupamentos humanos existentes na África têm sido realizados pelos antropólogos, sem estabelecer nenhuma conexão com o campo da arqueologia, da paleontologia ou da evolução humana. Estes estudos sobre as mitologias e religiões das civilizações antigas e recentes, na realidade, podem se transformar em um poderoso método, em conjugação com os outros métodos descritos, para o conhecimento da evolução humana, estabelecendo os vínculos necessários e que muitas vezes estão preservados de maneira inequívoca no inconsciente e subconsciente humano, mostrando que a consciência possui um paralelo com as camadas geológicas do período Quaternário, também se superpondo de forma estratificada, à medida que o gênero humano evolui.

O INÍCIO DO HOMEM

As antigas formas pré-humanas viviam diretamente do que a terra, as plantas e os animais podiam lhes proporcionar, na forma de abrigos e alimentos. No início, as idas e vindas destes seres eram governadas pelas mudanças sazonais climáticas, pelas rotas possíveis que permitissem as suas viagens e pela presença das fontes de alimentos e de abrigos naturais.

Nós podemos interpretar a história antiga do homem pelo estudo dos seus restos fósseis, pelas evidências dos animais e plantas associados, pelos remanescentes das ferramentas que utilizavam e pelo tipo de sedimento em que estes fósseis foram encontrados. Os aspectos religiosos e mitológicos das culturas recentes também podem fornecer subsídios importantes para a in-

terpretação da história antiga do homem.

O homem pertence à ordem dos primatas; subordem *Anthropoidea*, que inclui os macacos e o homem; superfamília *Hominoidea*, da qual somos os únicos membros vivos; família *Hominidae*; subfamília *Homininae*; gênero *Homo*; e espécie *Sapiens* (Straus Jr., 1967). Para nós nos distinguirmos de outras variedades ou subespécies extintas usamos o termo *Homo sapiens sapiens*. Devido às dificuldades inerentes quanto à classificação das espécies extintas, a nomenclatura paleontológica se refere, também, ao local onde o fóssil foi encontrado, isto é: Homem de Java, Homem de Cro-Magnon, etc.

ANTIGÜIDADE DA LINHAGEM

Se o princípio da evolução orgânica é válido, o homem possui uma sucessão de ancestrais que se estendem desde o início da vida na Terra. O mais antigo primata conhecido, o *Plesiolestes problematicus*, aparece nas rochas sedimentares do Paleoceno (entre 65 Milhões de anos e 55 Milhões de anos) do Wyoming, nos Estados Unidos, e também nos sedimentos paleocênicos da França. Os seus restos fósseis, com um esqueleto relativamente completo, sugerem uma criatura pequena que vivia em árvores, subsistindo de frutas e insetos, em franca competição com os roedores insetívoros que foram encontrados nas mesmas formações geológicas.

No Eoceno (entre 55 M.a. e 37 M.a.) da América do Norte e Europa foram encontrados gêneros diferentes, o *Notharctus* e o *Smilodectes*, ancestrais prováveis dos lêmures vivos, não sendo aceitos como ancestrais diretos dos grandes primatas. No Oligoceno (37 M.a. e 23 M.a.) do Egito são encontrados os gêneros *Parapithecus* e *Propliopithecus*, que se aproximam da linha dos macacos e do homem vivo. No Mioceno da Europa foi encontrado o *Dryopithecus*, e no Lago Vitória, na Tanganica, no leste da África, outro primata contemporâneo a este, o *Proconsul*, que é aceito como um ancestral da linhagem dos chimpanzés e gorilas. Os cientistas relutam em afirmar que ambos os fósseis são ancestrais diretos do homem, mas um gênero proveniente da Índia, o *Ramapithecus*, é um grande competidor para a inclusão no gênero *Hominidae*. Infelizmente, os restos fósseis do *Ramapithecus* são raros. Foram datados, baseando-se na paleontologia de ou-

tros mamíferos associados, como tendo cerca de 14 M.a., posicionados, portanto, dentro dos limites do Mioceno.

Na *Figura 1* é mostrada a correlação entre os períodos geológicos, desde o Plioceno até o Holoceno, e os principais eventos glaciais e climáticos, culturas e tipos de homínídeos fósseis encontrados.

Na *Figura 2* é mostrada a evolução do *Hominidae* desde o Oligoceno até o Holoceno.

RELAÇÃO COM OS ESTÁGIOS GLACIAIS

O homem moderno é um produto da Idade do Gelo; nossos ancestrais estavam bem familiarizados com o frio e as intempéries.

A associação dos ossos humanos e artefatos com os depósitos glaciais prova que o homem existiu durante grande parte da Idade do Gelo (com início há 3,3 M.a.) e que foi profundamente afetado pelos sucessivos avanços e recuos das geleiras. Mesmo nas latitudes tipicamente tropicais, a temperatura, o nível do mar, a vida animal, os rios e lagos foram diretamente afetados pelo derretimento e congelamento da água das geleiras. Por essa razão, os eventos pré-históricos são correlacionados com os estágios glaciais e interglaciais. Este método de datação não permite assumir idades absolutas, mas mostra a ordem correta dos eventos e das culturas pré-históricas.

ARMAS E FERRAMENTAS

O homem primitivo aprendeu a utilizar uma variedade grande de materiais naturais, porém, somente os materiais mais resistentes conseguiram sobreviver às influências destrutivas do tempo e do intemperismo. Pedras talhadas com propósitos definidos não somente indicam a presença do homem como também revelam, em detalhes, o estágio de desenvolvimento e o estágio cultural em que os homens e homínídeos se encontravam.

O longo período durante o qual o homem talhou a pedra para utilizá-la como ferramenta é denominado Idade da Pedra, que, por sua vez, é subdividida em: Paleolítico, ou Idade Antiga da Pedra; Mesolítico, ou Idade Média da Pedra; e Neolítico, ou Idade Recente da Pedra. O Paleolítico foi muito mais longo que as outras subdivisões, e seu início começou há 2

M.a., terminando há cerca de 13.000 anos A.P. O Paleolítico Médio, conhecido genericamente como Mousteriano, foi o período dominado grandemente pelo Homem de Neanderthal, coincidindo com o interglacial Riss-Würm e início do glacial Würm. O Homem de Neanderthal utilizou uma grande variedade de raspadores, cortadores e pontas afiadas de pedra, que foram encontrados junto com seus restos fósseis.

A última fase do Paleolítico, o Paleolítico Superior, é distinguida por cinco estágios culturais. Em ordem decrescente de idade: Perigordiano Inferior (entre 34 milhares de anos e 33 milhares de anos Antes do Presente), Aurignaciano (33 m.a. e 28 m.a. A.P.), Perigordiano Superior (28 m.a. e 21 m.a. A.P.), Solutreano (21 m.a. e 17 m.a. A.P.) e Magdaleniano (17 m.a. e 13 m.a. A.P.). Durante o Paleolítico Superior o homem gradualmente aperfeiçoou a técnica de lascas rochas silicosas. Assim, a faca foi desenvolvida durante o Perigordiano Inferior; furadores de osso ou de chifre, durante o Aurignaciano; agulhas e arpões, de uma grande variedade de materiais, durante o Magdaleniano.

Os antropólogos usam diversos métodos para datar e designar os vários estágios da história humana. O método paleontológico é baseado principalmente nos animais e plantas fósseis. O método estratigráfico relaciona os fósseis com os sedimentos resultantes dos sucessivos estágios glaciais, interglaciais e interestadiais. Quando se baseia nas ferramentas, o método é conhecido como tipológico. As relações entre os avanços glaciais e os estágios culturais são mostradas nas *Figuras 3 e 4*.

Na *Figura 5* são mostrados os principais tipos de homínídeos pleistocênicos.

OS AUSTRALOPITHECINES

Em adição aos fósseis encontrados no Oligoceno do Egito e Mioceno de Tanganica, a África tem contribuído com outros valiosos vestígios sobre a origem do homem moderno. O Plioceno (entre 12 M.a. e 5 M.a. A.P.) não está representado, mas no Pleistoceno surge um grande número de formas de grande importância. De uma maneira geral, a África escapou da devastação intensiva da Idade do Gelo Pleistocênica servindo de refúgio para os animais de clima quente, incluindo numerosos primatas.

Os efeitos da Idade do Gelo na África foram mais benéficos que maléficos. O

IDADES (em milhares de anos Antes do Presente)	EVENTOS CLIMÁTICOS E GLACIAIS	ATIVIDADES HUMANAS	HOMINÍDEOS
HOLOCENO	2 3 5	CLIMA SUBATLÂNTICO CLIMA SUB-BOREAL CLIMA ATLÂNTICO	FERRO BRONZE COBRE
	10 15	CLIMA BOREAL	
PLEISTOCENO	20	GLACIAIS	SOLUTREANO AURIGNACIANO PERIGORDIANO
	30	WÜRM I a IV (Europa)	
	40	=WISCONSINIANO (Estados Unidos)	MOUSTERIANO 1ª armas
	50		
	80	INTERGLACIAL RISS-WÜRM	INDÚSTRIA LEVALLOISIANA
	100	GLACIAL RISS-SALE = ILLINOIS	
	200	INTERGLACIAL MINDEL-RISS	ACHEULLIANO
	300	GLACIAL MINDEL =KANSAS	INDÚSTRIA CLACTONIANA
	500	INTERGLACIAL GÜNZ-MINDEL	Descoberta do fogo
	PLIOCENO	1.000	Interstadais
Interglacial DONAU-GÜNZ			
2.000 2.500		GLACIAL DONAU (?)	CULTURA DOS SEIXOS
3.000 4.000 5.000		GLACIAL BIBER (?)	

FIGURA 1 - CORRELAÇÕES ENTRE OS PERÍODOS GEOLÓGICOS, EVENTOS GLÁCIO-CLIMÁTICOS, ATIVIDADES E TIPOS HUMANOS.

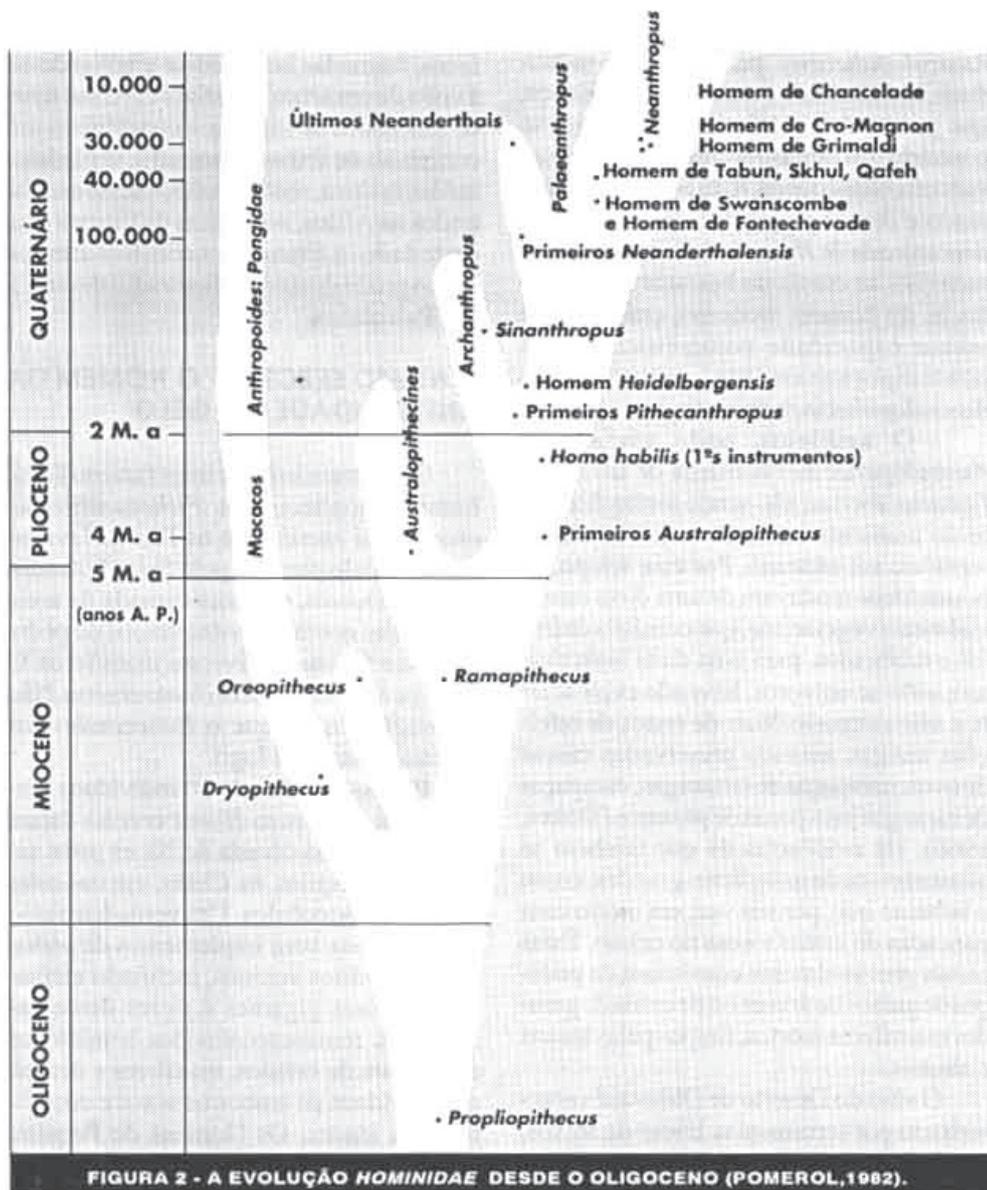


FIGURA 2 - A EVOLUÇÃO HOMINIDAE DESDE O OLIGOCENO (POMEROL, 1982).

aumento da precipitação que provocou o crescimento dos glaciais em outros continentes aumentou consideravelmente o volume dos lagos e rios africanos, trazendo vegetação e vida aos grandes desertos. As provas destas oscilações climáticas estão preservadas na forma de uma sucessão de fósseis, que ainda são encontrados nos desertos africanos, justificando a conclusão de que o continente era um importante centro de evolução dos primatas.

Na África do Sul, em 1925, foram encontrados fósseis humanos, “os homens-macaco do sudeste” ou *Australopithecines*. Estes fósseis de hominídeos se encontravam em um calcário que estava sendo utilizado como fonte de matéria-prima para uma caieira. Os fósseis foram considerados como sendo de dois gêneros distintos, o *Australopithecus* e o *Paranthropus*. Estes

seres eram indubitavelmente bípedais e possuíam a postura ereta.

Em 1959, no Deserto de Olduvai, na Tanganica, foi encontrado pelo Dr. Leakey um crânio quase completo, o *Zinjanthropus*, que também pertence ao gênero *Australopithecus*. A importância desse sítio se deve ao fato de que foram encontradas ferramentas associadas com os restos fósseis, não havendo vestígios da utilização do fogo. Restos adicionais de *Australopithecus* têm sido reportados nos sítios da África Central, Israel, China e Java. Os remanescentes fósseis do Deserto de Olduvai têm sido datados como pertencentes ao primeiro estágio interglacial pleistocênico (Donau-Günz), pelo método Potássio/Argônio, como tendo cerca de 1.750.000 anos.

No sítio do Deserto de Olduvai foram encontradas algumas formas diferentes de

Australopithecines, parte de cinco indivíduos, incluindo uma mulher e uma criança, que possuíam o crânio brando e largo, ao contrário das outras formas que apresentavam cérebro pequeno, testa em ângulo acentuado e dentes projetados. Esta forma foi denominada de *Homo habilis* e possuía características cranianas bastante semelhantes às do homem moderno, embora com menor capacidade volumétrica. Viveu contemporaneamente aos outros *Australopithecines* encontrados.

O ambiente onde viviam os *Australopithecines* consistia de savanas e florestas abertas, não sendo muito diferente do ambiente existente hoje em dia no território sul-africano. Por esse tempo, os hominídeos mudavam de uma dieta essencialmente vegetariana, que consistia de frutos e tubérculos, para uma dieta mais rica, tornando-se onívoros, havendo evidências nos sítios deposicionais de restos de refeições antigas, estando preservadas cascas de ovos, carapaças de tartarugas, carapaças de caranguejos e penas de pássaros (Stokes, 1966). Há evidências de que também se alimentavam de mamíferos grandes, como o bebuíno que, por sua vez, era morto com pancadas de armas toscas no crânio. Estas armas provavelmente consistiam de pedaços de galhos de árvore ou de ossos de grandes mamíferos mortos, limpos pelas hienas e abutres.

O sítio do Deserto de Olduvai é caracterizado por ferramentas líticas de seixos, que foram talhadas e lascadas com pedaços de madeira.

Segundo Pomerol (1982), os *Australopithecines* surgiram durante o Plioceno, em torno de 4 M.a.A.P. *Australopithecus* e *Homo habilis* consistiram de duas espécies distintas que conviveram durante um largo período.

Durante o Pleistoceno Médio e a metade do Pleistoceno Inferior (entre 700 m.a. e 100 m.a.A.P.), as ferramentas típicas consistiam de machados de mão. O machado de mão é uma ferramenta que possui duas

faces, formadas lascando-se e talhando-se à volta de um seixo. Existiam diversos tipos de machados de mão, que constituíam um complexo de ferramentas, uma verdadeira indústria lítica, sendo profusamente encontrados na África, no sudeste da Europa e no oeste da Ásia. Eram feitos com técnicas que foram gradualmente aprimoradas durante a Era Paleolítica.

O HOMO ERECTUS - O HOMEM DA ANTIGA IDADE DO GELO

O remanescente do mais famoso fóssil humano conhecido, o *Pithecanthropus erectus*, foi encontrado na Ilha de Java no fim do século passado pelo físico holandês Eugene Dubois, em uma camada de areia praial, que continha instrumentos de pedra lascada e fósseis de diversos mamíferos. O fóssil pertence ao gênero *Homo erectus*. Não há evidências de que o *Pithecanthropus erectus* utilizava o fogo.

Remanescentes de 50 indivíduos pertencentes ao gênero *Homo erectus* foram encontrados, na década de 20, na parte sudoeste de Pequim, na China, em camadas de turfa pleistocênica. Um verdadeiro sítio arqueológico, com implementos de pedra, ossos de vários animais, incluindo elefantes, roedores gigantes e tigres dente-de-sabre. Os remanescentes dos hominídeos consistiam de crânios, maxilares e dentes, de indivíduos de ambos os sexos e com diferentes idades. Os Homens de Pequim, como eram chamados, receberam o nome científico de *Sinanthropus pekinensis*.

Outros fósseis descobertos, pertencentes ao gênero *Homo erectus*, consistiram no Homem de Chellean, que possui um grande número de ferramentas líticas e que representam um importante estágio cultural; o Homem da Rodésia, encontrado no norte da Rodésia; o Homem de Saldanha, encontrado na África do Sul; o Homem de Heidelberg, encontrado próximo da localidade de Heidelberg, na Alemanha; o Homem de Swanscombe, encontrado próxi-

FIGURA 3
FERRAMENTAL
PALEOLÍTICO,
MESOLÍTICO
E NEOLÍTICO:

1 A, B E C
CORTADORES
(DESEIXOS) DO
PALEOLÍTICO
INFERIOR.

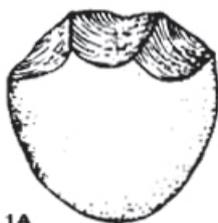
2 - CULTURA
CHELLEANA:
A) MACHADO DE MÃO.
B) FERRAMENTA
COM LÂMINA.

3 - CULTURA
ACHEULLIANA:
MACHADO DE MÃO
SIMÉTRICO.

4 - CULTURAL
EVALLOISIANA:
LÂMINA COM
SUPERFÍCIE
FACETADA.

5 - CULTURA
TAYACIANA:
PONTA DE QUINSON.

6 - CULTURA
MOUSTERIANA:
A) RASPADOR;
B) FACA.



1A



1B



1C



2A



2B

mo de Kent, na Inglaterra; e o Homem de Fontchelevede, encontrado a leste de Angouleme, na França.

Este gênero humano, bastante amplo e provavelmente contendo várias subespécies e raças, viveu na Europa, África e Ásia, durante parte do Pleistoceno Inferior e durante todo o Pleistoceno Médio. Os fragmentos encontrados desses hominídeos formam a ponte entre o *Pithecanthropus*, o ser conhecido mais primitivo do gênero *Homo erectus*, e o *Neanderthalensis*, o mais moderno ancestral do homem atual.

O HOMEM DE NEANDERTHAL

O Homem de Neanderthal pertence ao gênero *Homo sapiens*, espécie *Neanderthalensis* (Boule & Vallois, 1952). Possui fósseis relativamente abundantes, existindo muitos remanescentes dos implementos e armas que utilizavam.

Muitas reconstruções têm sido feitas do seu hábitat, o que dá uma noção popular de um ser cruel, peludo, morador de cavernas, contemporâneo do Homem moderno durante a parte superior do interglacial Riss-Würm e parte superior e média do glacial Würm. Foi suplantado pelo *Homo sapiens sapiens* na luta pela sobrevivência.

Muitas teorias têm sido aventadas sobre a discussão do Homem de Neanderthal como antecessor do Homem moderno, mas os fósseis encontrados dos dois tipos existindo simultaneamente, por um longo período, indicam que até um certo momento os dois tipos tiveram um ancestral comum, e que, posteriormente, evoluíram por caminhos diferentes, até a extinção definitiva dos *Neanderthalensis* há cerca de 35.000 anos.

Primeiramente, os fósseis do Homem de Neanderthal foram encontrados em 1856, no Vale de Neander, próximo de Dusseldorf, na Alemanha. A partir de 1906 muitos remanescentes fósseis do Homem de Neanderthal têm sido encontrados por toda a Europa, África e Ásia.

A capacidade craniana do Homem de Neanderthal era similar à do Homem moderno, em torno de 1.500 centímetros cúbicos, bastante inteligente portanto, o que faz supor um grande nível de competição entre as duas espécies. O lobo frontal do crânio era menor e as circunvoluções menos numerosas e menos complicadas.

O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO E O EXTERMÍNIO DE ANIMAIS

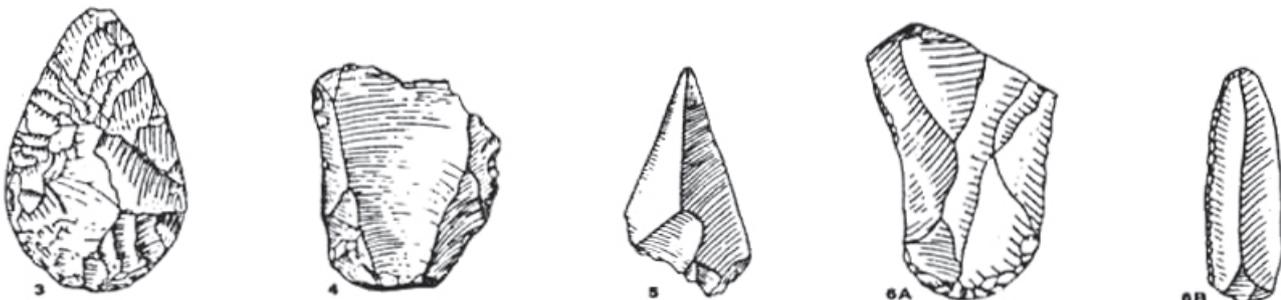
Os homens foram capazes de criar e utilizar armas nos dois últimos milhões de anos. Isso levanta a suspeita de que o homem foi o agente da morte e extermínio dos grandes mamíferos que desapareceram principalmente nos últimos 15.000 anos. Na América do Norte a lista de animais extintos neste período inclui: o pecari, o mamute imperial, o mamute lanoso, o tigre dente-de-sabre, o *gliptodont*, o bisão gigante, o lobo terrível, o cavalo nativo, o mamute da Colúmbia e o mastodonte.

CORRELAÇÕES COM OS ASPECTOS RELIGIOSOS

Os orixás, na África

A religião dos orixás, cultuada originalmente no Golfo de Benin, na África Meridional, se apresenta como um ótimo meio de pesquisa sobre a evolução do homem, dado o caráter de fidelidade aos princípios que a norteiam, próprio das grandes religiões.

O orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado do homem moderno (Verger, 1981), entendendo-se o termo "divinizado" como sendo um tipo humano já extinto, muito antigo e primitivo, que, em vida, estabelecera vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou ainda assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades, como a caça, o trabalho com metais, ou adquirin-



do o conhecimento sobre as plantas e as suas utilizações.

Segundo Verger, o orixá é uma força pura, axé imaterial que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um de seus descendentes.

Os estudiosos do candomblé, a religião dos orixás, observam que os iniciados, quando agrupados por orixás, apresentam traços comuns, tanto no biótipo, quanto nas características psicológicas. Estas tendências são chamadas de arquétipos da personalidade escondida nas pessoas. Se diz escondida porque certas tendências inatas não podem se desenvolver livremente dentro de cada pessoa, no decorrer de sua existência, se elas entrarem em conflito com as regras de conduta admitidas no meio em que vivem.

Segundo Verger, africanos e não-africanos têm em comum estas tendências inatas e um comportamento geral correspondente àquele de um orixá, como a virilidade devastadora e vigorosa de Xangô, a feminilidade elegante e coquete de Oxum, a sensualidade desenfreada de Yansã, a calma benevolente de Nanã Buruku, a vivacidade e independência de Oxóssi, etc.

Nos cultos africanos do Brasil, cada indivíduo possui dois orixás. Um deles é mais aparente e pode provocar crises de possessão, "o santo de frente", e o outro é mais discreto e é fixado, não permitindo a possessão, "o santo de trás" ou *ajuntó*. São aspectos do inconsciente humano tratados na psicologia junguiana.

Os arquétipos de personalidades das pessoas não são tão rígidos e uniformes como os descritos anteriormente, pois existem nuances provenientes das qualidades de cada orixá, já que existem doze tipos de Xangô, sete de Ogum, sete Yemanjás, dezesseis Oxalás, dezesseis Oxuns, etc., sendo que cada um deles tem suas características particulares, podendo ser jovens ou velhos, amáveis ou coléricos, pacíficos ou

guerreiros, benevolentes ou não.

Evidentemente este trabalho não tem o caráter de discutir os aspectos culturais e religiosos da África Meridional, e sim o de procurar estabelecer uma correlação que permita definir os tipos de organizações sociais dos homínídeos ancestrais do homem moderno. Ademais, o candomblé e a cultura yoruba têm sido objeto de sucessivos estudos antropológicos, realizados principalmente por pesquisadores franceses, ingleses e americanos, desde o século XVII, havendo em disponibilidade uma extensa bibliografia. No Brasil, pode-se destacar os trabalhos de Ramos (1940) e Rodrigues (1945), entre diversos outros autores.

Os orixás e os gêneros humanos

Fundamentalmente existem dois cultos aos orixás na África Meridional: o culto *jeje*, originário do Daomé; e o culto yoruba, originário da Nigéria.

No culto *jeje*, destacam-se quatro orixás, que são: Yroco, Oxumaré, Nanã Buruku e Omolu-Obaluaê.

O perfil dos arquétipos Yroco e Oxumaré é o da mobilidade, fato que indica um ancestral nômade; símbolo da continuidade e permanência; do ciclo dia-noite, inverno-verão, e outros eventos naturais cíclicos, que indicam um dos primeiros ancestrais humanos; permitindo supor tratar-se do tipo fóssil descrito inicialmente neste trabalho, o *Ramapithecus*, que desde o Plioceno evoluiu contínua e lentamente até atingir formas mais desenvolvidas, com a postura ereta e o uso dos primeiros instrumentais líticos. Este primeiro arquétipo ancestral, com características sociais bastante simples e bastante dependente dos ciclos climáticos, viveu até o início do Pleistoceno, sendo então substituído por tipos socialmente mais complexos, como Nanã Buruku e Omolu-Obaluaê.

FIGURA 3
(CONTINUAÇÃO)

7 - CULTURA PERIGORDIANA: CINZEL.

8 - CULTURA AURIGNACIANA:
A) RASPADOR;
B) RASPADOR COM PONTA.

9 - CULTURA SOLUTREANA:
A) FOLHA DE FACA;
B) AGULHA DE OSSO.

10 - CULTURA MAGDALENIANA: ARPÃO.

11 - NEOLÍTICO: MACHADO DE MÃO DE PEDRA POLIDA.



ANOS	IDADES	INDÚSTRIAS	HOMEM
Presente	HOLOCENO (Postglacial)	Espaço	HISTÓRIA
25		Átomo	
100		Eletricidade	
2.000		Combustão Interna	
2.500		Jesus Cristo	
3.000	Sub-boreal	Ferro	
4.000		Bronze	
4.500	Atlântico (ótimo climático)	Cobre	
5.000		Neolítico	
6.500		Megalitos Início da escrita: Sumérios	
10.000	Boreal Pré-boreal	Mesolítico	CHANCELADE
15.000	Würm IV Glacial Sup.	Magdale niense	
20.000	Lascaux Würm III-IV	Solutreano	1ª criação artística
25.000	Würm III	Perigordiano	
30.000	Würm II-III interglacial	Aurignaciano	GRIMALDI CRO-MAGNON
35.000	Würm II	Mousteriano	HOMO NEANDERTHALENSIS
40.000	Würm I-II interglacial	Levalloisiano	HOMO SAPIENS
50.000	Würm I		
80.000	Riss-Würm		

FIGURA 4. CORRELAÇÕES ENTRE OS EVENTOS GLÁCIO-CLIMÁTICOS E AS CULTURAS HUMANAS DURANTE O PLEISTOCENO SUPERIOR E HOLOCENO.

Nanã Buruku e os *Australopithecines*

Nanã Buruku é uma divindade muito antiga, proveniente de uma sociedade comunista e matriarcal, onde se destaca como a chefe do grupo. No leste da África o seu culto abrange uma região muito vasta, indicando que o ancestral fóssil correspondente possuía uma grande distribuição geográfica no continente africano. Os fósseis correspondentes a este arquétipo ancestral provavelmente corresponde ao

Zinjanthropus, *Paranthropus* e ao *Australopithecus robustus*, que pertencem ao *Australopithecine*, anterior ao gênero *Homo erectus*. Nas lendas africanas surge como um ancestral que não conhecia o uso do fogo ou dos instrumentais trabalhados, sejam líticos, de madeira ou osso.

Lendariamente, é citada por Verger (1981) uma sociedade matriarcal situada a leste do território do Daomé e que não possuía relações com a sociedade matriarcal onde Nanã era a chefe do grupo, e que parece explicar a existência do gênero *Homo*

habilis, cujos restos fósseis foram encontrados no leste da África. As características cranianas do gênero *Homo habilis* mostram que pertencem a um ser bastante evoluído para a época, e que, por razões desconhecidas, veio a se extinguir, não deixando descendentes.

Omolu-Obaluaê e um novo gênero humano

Omolu-Obaluaê é uma divindade muito cultuada no candomblé, tanto na África como no Novo Mundo. Originalmente trata-se de um dos filhos de Nanã, que por possuir uma doença endêmica que podia contaminar todo o grupo (varíola, segundo os cultos tradicionais) é expulso e escorraçado do clã, passando, então, a viver de forma independente até ser tratado e salvo por Yemanjá. Esta figura traz consigo os primeiros sentimentos humanos, na forma da rejeição e da vergonha da própria aparência. Este arquétipo sem dúvida pertence ao gênero *Australopithecine*.

A adoção de Omolu-Obaluaê por Yemanjá, figura que pertence a um outro arquétipo, produto de uma sociedade patriarcal, mais complexa, não-comunista, indica a evolução e surgimento de um novo gênero, provavelmente pertencente ao *Homo erectus*, e possivelmente durante o interglacial Günz-Mindel.

Em uma tentativa de correlação, os fósseis do *Pithecanthropus* poderiam pertencer aos arquétipos Yemanjá-Oxalá, já que foram encontrados em uma camada de arenitos litorâneos, próximos da linha de costa, na Ilha de Java, sendo que as lendas africanas situam o arquétipo correspondente a Yemanjá e Oxalá como residente próximo da linha de costa e vivendo dos frutos obtidos no mar e nas lagunas salobras.

O clã chefiado por Oxalá e sua esposa Yemanjá é melhor descrito por Freud, na sua comparação mitológica com Édipo e Eletre, do que propriamente no candomblé, já que os primeiros sentimentos afetivos humanos justamente se referiam à dualidade Pai-Mãe, ou ainda à guerra do filho com o pai para obter a supremacia e a chefia do grupo onde Oxalá reinava com a mãe Yemanjá, ou à guerra da filha com a mãe para ocupar o lugar desta junto ao rei Oxalá.

No candomblé há dois tipos de Oxalá: Oxalá velho ou Oxalufá e Oxalá novo, guerreiro, ou Oxaguiã. Essa diferença de arquétipos mostra que, primeiramente, estas so-

iedades ancestrais eram governadas pelo hominídeo mais experiente, mais velho portanto, e que posteriormente passaram a ser chefiadas pelo hominídeo que rivalizava e vencia os outros oponentes masculinos do grupo, mais jovem e guerreiro.

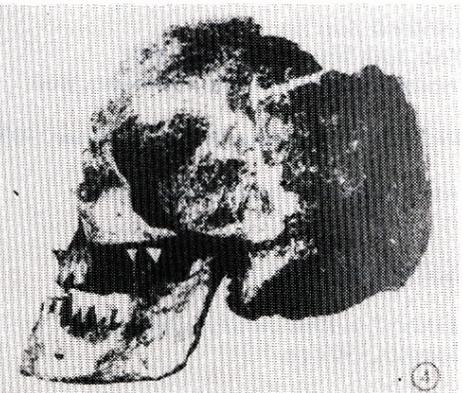
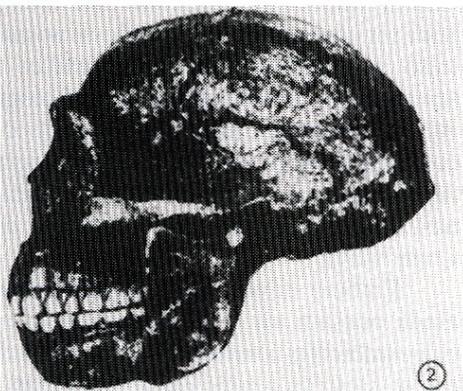
O *Homo erectus* e o panteão yoruba

Todo o panteão yoruba mostra uma sociedade bastante complexa, com a figura de um administrador central - o Xangô, dono da *pedra do raio*, provavelmente o sílex para fazer fagulhas e atizar o fogo, e mediador intransigente das disputas entre as diversas facções que compõem o panteão; o caçador Oxóssi, que já se apresenta com artefatos eficazes para a caça; o guerreiro Ogum, que domina a tecnologia, construindo armas e instrumentos de pedra, osso e madeira; Ossaim, conhecedor profundo das propriedades curativas e alimentares das plantas; a guerreira Yansã, livre, sensual e indômita; a beleza tranqüila de Oxum e o seu domínio sobre a fecundidade humana; a guerreira inocente e trabalhadora Obá; e outras divindades menos cultuadas. Todas pertencentes, provavelmente, ao gênero *Homo erectus*. Pertencem, provavelmente, a estes arquétipos o estágio cultural Acheuliano e a indústria Levalloisiana (Dunbar, 1949). Diversos fósseis também foram encontrados, numa ampla distribuição geográfica, na África, Ásia e Europa, sendo pertencentes a este gênero o Homem de Heidelberg, o Homem de Pequim, o Homem de Swanscombe, e outros fósseis encontrados.

Exu e o Homem de Neanderthal

Exu é um orixá de múltiplos e contraditórios aspectos. De caráter irascível, gosta de suscitar dissensões e disputas. É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, a tal ponto que os missionários o comparavam com o Diabo. Entretanto, Exu possui o seu lado bom e, se é tratado com consideração, reage favoravelmente, sendo servicial e prestativo. É o mais humano dos orixás, não se mostrando completamente bom ou mau.

Com estas características, de competição ou favorecimento ao gênero humano, o arquétipo do Exu corresponde, muito provavelmente, ao gênero *Homo sapiens neanderthalensis*, que foi contemporâneo



da nossa espécie desde o aparecimento do *Homo sapiens sapiens*, há cerca de 100.000 anos, até o desaparecimento dos últimos *Neanderthalensis*, há cerca de 35.000 anos.

No candomblé da Bahia diz-se que existem 21 Exus, o que dá uma idéia da variabilidade racial do arquétipo e, correspondentemente, do tipo fóssil *Neanderthalensis* envolvido. Exu é uma figura muito poderosa e que fornece indícios de que o Homem de Neanderthal provavelmente suplantou o gênero *Homo sapiens sapiens*, durante um largo período, sendo a espécie dominante durante grande parte do período glacial Würm.

Outros aspectos mitológicos

Outras mitologias, como a grega e a romana, mostram aspectos comparáveis ao panteão yoruba e permitem, até um certo ponto, uma correlação entre divindades equivalentes, tais como: Zeus e Xangô, Marte e Ogum, as Amazonas e Yansã, etc. Sobre este aspecto, vale a pena destacar o papel da umbanda no Brasil, que parece cultivar arquétipos ancestrais mais aparentes, mais contemporâneos portanto, tais como: pombas-gira ciganas, Exus, boiadeiros, marinheiros, caboclos de Ogum, caboclos de Oxóssi, caboclas de Yansã e pretos-velhos.

Como a umbanda é um culto bastante recente, não possui uma linhagem com falanges bem estabelecidas, como no candomblé, permitindo apenas algumas suposições, tais como: o período geológico dos arquétipos ancestrais é bastante recente (interglacial Riss-Würm e glacial Würm), e trata-se de um período de transição para a cultura onde domina o Homem moderno.

Assim, por suposição, seria permitido uma correlação entre o Homem de Grimaldi e os pretos-velhos, Exus e pombas-gira com os *Neanderthalensis*, o Homem de Cro-Magnon e os caboclos de Oxóssi, etc. Sem dúvida, predominam os aspectos guerreiros nestas sociedades primitivas, que se apresentam como uma interface entre as espécies ancestrais e o Homem moderno. Estes traços ancestrais podem ser bem visualizados como na Vênus de Lespugne (*Figura 6*) cujas formas esculpidas pelo artesão pré-histórico a situam entre a descrição da Oxum do candomblé e a mulher moderna. Da mesma forma, as pinturas rupestres das cavernas de Altamira, na Espanha, mostram a grande sensibilidade

FIGURA 5. CRÂNIOS DOS PRINCIPAIS TIPOS DE HOMINÍDEOS.

1 - AUSTRALOPITHECUS AFRICANUS, COM CARACTERÍSTICAS SIMIESCAS E COM PEQUENO VOLUME CRANIANO.

2 - SINANTHROPUS PEKINENSIS, ORIUNDO DE CHOU-KOU-TIE, PRÓXIMO A PEQUIM, COM VOLUME CRANIANO MAIOR E COM PROGNATISMO, ISTO É, OS MAXILARES SÃO PROJETADOS E ÂNGULO FACIAL É BAIXO.

3 - HOMO NEANDERTHALENSIS, PROVENIENTE DE CHAPPELLE-AUX-SAINTS, FRANÇA; O VOLUME CRANIANO AUMENTA E O PROGNATISMO DIMINUI.

4 - HOMO SAPIENS, ORIUNDO DE CHANCELADE, DORDONHA; O CRÂNIO PREDOMINA SOBRE A FACE.

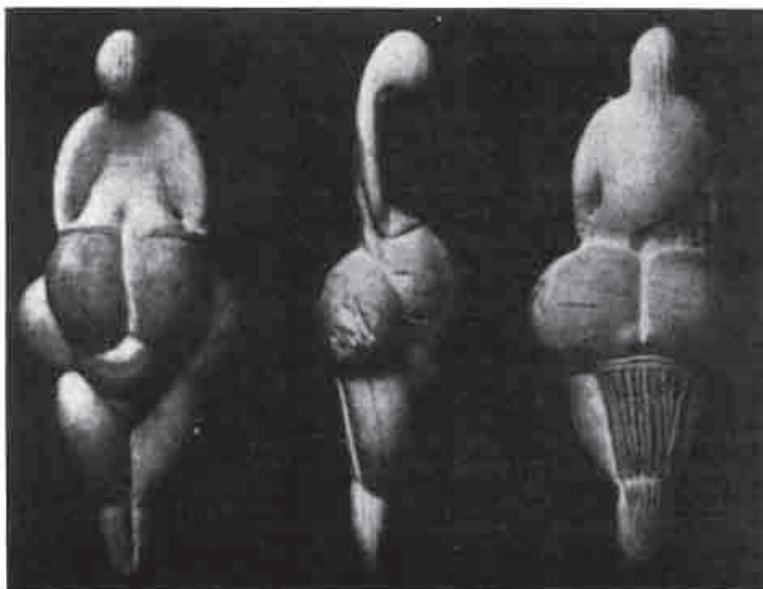
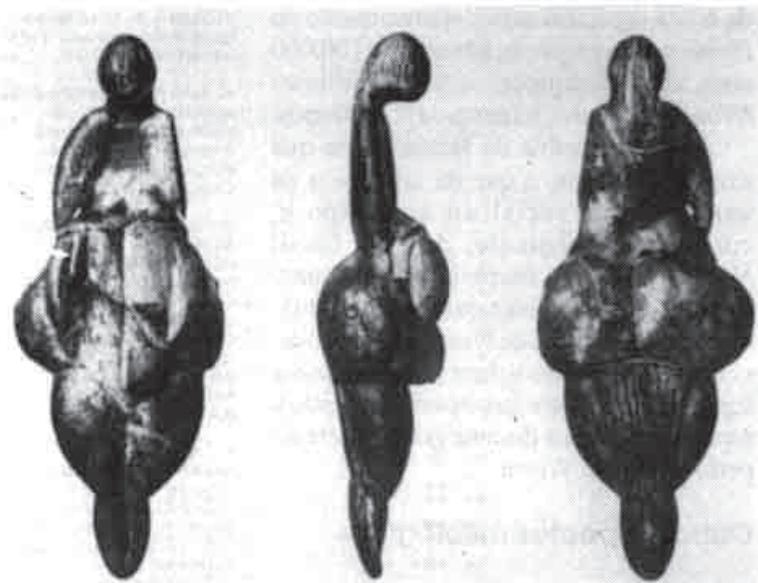


FIGURA 6. A VÊNUS DE LESPUGNE: VISTA ANTERIOR, DE PERFIL E POSTERIOR (IN BOULE & VALLOIS, 1952).

às formas da natureza do pintor pré-histórico que se situaria entre o caçador Oxóssi do candomblé e o Homem moderno, sendo válido admitir que os caboclos de Oxóssi do culto umbandista corresponderiam, então, ao arquétipo ancestral do Homem de Cro-Magnon. São, portanto, aparentemente, formas intermediárias entre a espécie primitiva e a espécie moderna.

CONCLUSÕES

Este trabalho permite visualizar, de maneira sucinta, um excelente campo de pesquisa para a reconstrução da história humana durante o Pleistoceno. Este intento pode ser conseguido associando-se ao método paleontológico, estratigráfico e tipológico, o método religioso e mitológico. Um campo que pode ser desenvolvido conjugando-se os estudos da arqueologia, da antropologia social, das culturas africanas, com a paleontologia e geologia do Quaternário.

Embora novos sítios arqueológicos ainda possam vir a ser descobertos, os paleoambientes continentais melhor descritos, as datações geológicas aprimoradas, e a estratigrafia do Quaternário melhor estabelecida, já existe uma grande quantidade de estudos e de dados passíveis de serem adquiridos através de uma ampla consultabibliográfica, cujo desenvolvimento se deu no campo das culturas ancestrais, das culturas religiosas, da arqueologia, da paleontologia e da geologia do Quaternário, de forma que, com o material preexistente, é possível se levantar, de maneira bastante precisa, toda a história da evolução humana, durante o Pleistoceno.

BIBLIOGRAFIA

- BOULE, M. e VALLOIS, H. V. *Les Hommes Fossiles - Éléments de Paléontologie Humaine*. 4ª ed. Paris, Masson et Cie, 1952.
- DUNBAR, C. O. *Historical Geology*. New York, John Wiley & Sons Inc., 1949.
- FLINT, R. F. *Glacial and Quaternary Geology*. New York, John Wiley & Sons Inc., 1971.
- POMEROL, C. *The Cenozoic Era - Tertiary and Quaternary*. Ellis Horwood Ltd., Chichester, West Sussex, 1982.
- PRANDI, R. e VAGNER, G. "Deuses Tribais de São Paulo", in *Ciência Hoje*, 10 (57). São Paulo, 1989, pp. 34-44.
- RAMOS, A. *Introdução à Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1943.
- RODRIGUES, N. *Os Africanos no Brasil*, 1945.
- STOKES, W. L. *Essentials of Earth History, an Introduction to Historical Geology*. New Jersey, Prentice-Hall Inc., 1966.
- STRAUS JR., W. L. "Nature of the Problem and the Evidence", in *Time and Stratigraphy in the Evolution of Man*. Washington, National Academy of Sciences, 1967, pp. 1-21.
- VERGER, P. F. *Orixás*. Salvador, Ed. Corrupio, 1981.